ILLUSTRA
POR
5.ª 2.ª
DIRECTOR
C. MALHEIRO DIAS
N.º 32

# Concurso da "Illustração Portugueza"

N.º 32 DE 1 DE OUTUBRO DE 1906

**«Qual o deputado a quem primeiro será concedida a palavra depois da camara constituida?»**

*Nome do deputado* ..................

*Assignatura do concorrente* ..................

*Morada do concorrente* ..................

## CONDIÇÕES DO CONCURSO

1.º — São excluidos da votação os ministros que teem assento na camara dos deputados.

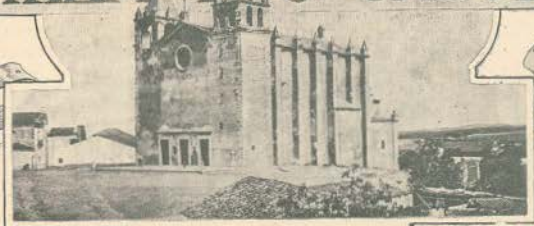
2.º — Todas as respostas serão enviadas em enveloppe fechado á direcção da *Illustração Portugueza*, até ao dia 4 de outubro.

3.º — Não serão admittidas as respostas que não sejam escriptas no presente talão.

**PREMIO**

Uma assignatura de semestre da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Cortar este talão, prehenchel-o com o nome do deputado, a assignatura do concorrente e a morada, enviando-o á *Illustração Portugueza*.

# ALVITO
## A VILLA E O CASTELLO

Parochial de Villa Nova

Alvito é uma pequena villa do districto de Beja, no Alemtejo médio, com população mui pouco densa, e sua area fertil, em grande parte florestal e montanhosa, amplamente regada de nascentes. O censo de 1878 dava ao concelho 10,5 habitantes por kilometro quadrado, isto é, um minimo de habitabilidade escandaloso mesmo dentro da escassa população d'esta pequena Africa selvagem que é o districto de Beja, nos fastos da civilisação morosa do paiz.

Hoje, certo a população d'Alvito terá crescido, mas não póde ser coisa de contar, pois o predominio da grande propriedade asphyxia por toda a parte a propagação humana no Alemtejo, e a decadencia agricola da pequena, na mór parte formada de vinhedos philoxerados, não póde mais remediar-se, visto a ruina total da industria vinicola nas regiões d'entre Alvito, Cuba e Vidigueira, muito celebres outr'ora pelo vinho.

Alvito é cabeça de concelho, comarca de Cuba, que ambas outr'ora faziam parte da corregedoria historica «dantre Tejo e Odiana». A sua area exigua de concelho, quasi limitada aos terrenos da antiga Baronia, abrange duas freguezias apenas: Villa Nova da Baronia e Alvito. Uma e outra são povoações de grande antiguidade: romanos, godos, arabes, ahi sitaram com permanencia, e tiveram industria e exploração agricola, conforme attestam ruinas d'edificios, numerosas moedas, lapides votivas, silos, inscripções tumbaes e sepulturas que ainda hoje levantam as charruas, no proprio local das povoações, e em ambito arrabaldio do vasto raio. Villa Nova e Alvito eram já villas em tempos d'Affonso III, que lhes concedeu algumas graças. Os trinitarios de Santarem, a quem o senhorio escoou por morte d'Estevam Annes, chanceller e colaço d'aquelle rei, lhe deram o primeiro foral, egual ao de Santarem, e que successivamente varios reis confirmaram e ampliaram, até D. Manuel, auctor do ultimo que eu vi por cima das mezas do castello, n'um volume de pergaminho illuminado e doirado, e sabe Deus por onde a estas horas andará.

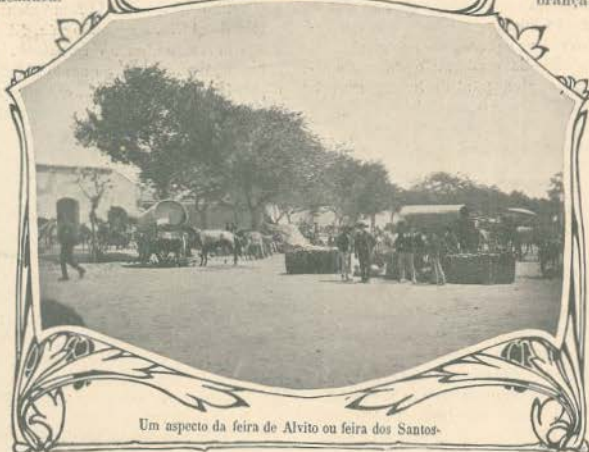
Os frades trinos começaram a egreja matriz, não direi actual, visto as transformações que tem soffrido, mas a que primeiro sitou no ponto em que ora está. A fabrica dos frades, diz a tradição, viera substituir outra que se arruinára ou cahira, a nascente da villa, no local do destruido templo da Graça, e esta já fôra feita em substituição de terceira, dedicada a S. Romão [1], e que sitaria talvez nas terras da herdade e hortá d'este nome, onde por muito tempo se acharam extensos alicerces e restos de olaria, e segundo vóz, foi n'outro tempo o Alvito romano, godo e sarraceno. A agricultura e industrias locaes, por quanto se infere dos livros e papeis da casa d'Alvito, que por gracioso favor do actual senhor marquez tive occasião de folhear, não differiriam das que ao presente por lá são commettidas: no aro exiguo da pequena cultura, vinhedos e olivaes que successivamente avançam nas pradeiras chãs e recostos da serra, mercê de uma ou outra herdade que os donos, instados, repartem em courellas; varzeas sombreiras na frescura dos valles; e aproveitando o forte cano d'agua que brota de sob os alicerces do castello, do contacto de diorites com calcareos cristalinos, pilões de cardar lã, alguma fabrica de cortumes, alguns moinhos d'açude—e valle fóra, ainda mais quinchosos e hortejos, com pequenos pomares e leiras virides, medrando da leiva que a corrente d'agua quotidianamente empapa e fertilisa.

---

[1] Em Alvito demoliu-se, de 1810 a 1820, um arco velho, chamado de S. Roque, que parece ter sido situado entre a casa dos Toscanos e o Torreão direito da fachada do Castello. Este arco tinha no fecho uma lapide gothica, que André de Resende menciona, e o segundo barão d'Alvito, D. Diogo Lobo, para ali trouxe. Dizia: «*Tanmasito, servo de Deus—viveu 53 annos, 5 mezes e 5 dias. Descançou na paz de Jesus Christo em 16 de dezembro, era 565*». A era é de Cesar; corresponde-lhe a de 525, de J. C. Esta lapide viria dos escombros do primitivo templo de S. Romão?

No aro da grande propriedade, os grandes bosques incultos, sobreiras e azinheiras, os grandes outeirões acedrenchados d'estevas e piornos, as enxáras de leguas, ondulando ao vento a grenha dos bambuzaes onde a caça abebéra, e a que se deitava fogo no outomno (n'esse tempo em que a cortiça nem servia para lenha) para as limpar das viboras e lobos.

«Em Alvito, diz o sr. Gerardo Pery na monographia da *Estatistica Agricola do Districto de Beja*, consagrada a este concelho, abrange-se na denominação antiga de *coutos* toda a area da pequena propriedade. E' porém, dividida em *coutos abertos* e *coutos fechados*. Estes compõem-se d'olivaes, vinhas e hortas; aquelles são farejaes e courellas de semeadura. Nos coutos abertos, as pastagens são communs, como na Cuba e em Beja, resto do antigo systema de compascuo. Desde quando foi dividida em parcellas a area dos coutos fechados, não é facil dizel-o. No seculo XVI já os olivaes da serra, ao Norte da villa, se achavam divididos, e do mesmo modo outros terrenos, que então eram vinhedos... Parte dos coutos abertos tambem se acham divididos de longa data, talvez desde a primeira divisão dos terrenos, depois d'expulsos os mouros, o que será mais uma prova de já por essa epoca ser Alvito povoação d'alguma importancia, como Serpa e Moura, porque a divisão dos terrenos em volta das povoações, pelos moradores e visinhos d'ellas, não se estendeu ás simples *alcarias* ou aldeias, que ficaram abafadas pelas grandes herdades, quando não se acharam incluidas dentro d'alguma d'ellas, adquirida pelo simples meio de *presuria*».

Paços do Concelho e Torre do Relogio

Um aspecto da feira de Alvito ou feira dos Santos.

Nas suas relações com os moradores e visinhos d'Alvito, sempre os trinitarios foram maus senhores, não poucas contendas provocando na cobrança d'impostos e gerencia de feudos e justiças.

D. Diniz afinal lhes tirou a jurisdição que haviam sobre a villa, voltando o senhorio d'ella para a corôa, e ficando os frades sujeitos á lei commum dos outros moradores, no tocante ao desfructe dos bens que lhes tinham ficado, e seriam pedreiras no Rocio, algumas hortas e herdades de montado, e não sei quantos açudes e moendas, que alimentava o

manancial que mais tarde se chamou Fonte do Castello...

Demandas, motins, apupadas nas ruas, composição das partes — logo guerreias novas, novas composições, novos motins; e assim vieram, desde D. Diniz até 1807 (!!) os alvitenses e os padres, sem de nenhum lado, n'essa lucta de seculos, os contendores se cançarem, e pelo contrario parecendo que cada um creasse, a cada intromettida nova, frenesis mais rubros e mais féros, para se alançar ao outro, cego d'ira.

Até ao reinado de D. João I (já os Lobos haviam o senhorio d'Alvito e Villa Nova) tiveram os moradores d'Alvito, conjunctamente com os de Vianna e Villa Nova, o logradio dos extensissimos montados ou soveraes que ainda hoje cobrem o

**Ruas d'Alvito**
Na gravura da direita vê-se, logo no primeiro plano, a casa de taipa, seiscentista, que se descreve. Na da erquerda tambem no primeiro plano, nova casa de taipa, da mesma epoca, com uma lindissima janella Renascença

montuoso rectangulo tendido entre aquelles tres povos e a aldeia d'Agua dos Peixes, que se gerou da antiga *Quintã*, burgo decrepito, de derrocado pelourinho, que é ao presente um logarejo de ganhões da Casa Cadaval.

Os povos d'aquellas terras cortavam lenha, colhiam alandia e boleta, gadanhavam feno, caçavam e apasciam gados nas amplas stépes e dilatados outeiros d'aquella floresta de leguas, monstruosa de troncos, com estevas da altura de dois homens, e onde erravam crepusculos druidicos. No outomno andavam por lá os javalis e os ursos bebedes de comer medronhos fermentados: as queimadas de agosto, os *fogos fugidos*, devastavam kilometros, e toda a cultura era alguma abrutélla de craveiras nas lombas, ou algum feijoal ou meloal nos marneis das chãs entre dois cerros... A formidavel floresta era privança indisputada e desaproveitada das tres villas, e que ninguem lh'a usurpasse! Já em tempos de Pedro I quizera o rei permittir que um certo Vasco Martins coutasse parte — o que chamavam *Quintã de Agua dos Peixes*, annexada de Pennas Alves e Serrado, duas herdades tambem a seu turno talhadas no mais crespo do bosque popular. Mas o povo nem consentiu que Vasco Martins tomasse pósse, e correu com elle a som de chuço e foice, o que levou el-rei, prudente, a não mais insistir na usurpação.

Depois d'Aljubarrota, o Mestre d'Aviz, avisado e astuto como todos os filhos de gallego, sabendo o que devia a Nun'Alvares, tratou de lh'o pagar com graças e mercês; e com muitas villas e terras lhe entrou por casa ao Condestabro a famosa quinta d'Agua dos Peixes, que ainda hoje conservam os Cadavaes, seus descendentes, annexada de parte do soveral commum d'Alvito e de Vianna, e sem que d'esta vez a córja se oppuzesse. A concessão Nun'Alvares foi o signal da espoliação tornada lei; vieram outros passaros disputar, á lufa-lufa, a terra pingue: os padres da Trindade, contendores seculares dos alvitenses, aproveitaram o momento para chicanar boa prea de folhas somentias e de mattas; logo, aos bocados, foi-se o resto do bosque em sesmarias, restando um baldio pequeno na serra, de que eu não sei se a camara aforou já as ultimas migalhas.

⁂

Na linha ferrea do sul, Alvito é estação antepenultima antes de Beja. A villa sita n'um lombo ou meia ondulação que as terras da serra fa-

zem ao descahir para os valles inferiores. A sua mancha clara, cortada de campanarios e casarões, faz como um reparo optico na plena solidão de bosques e searas que enchem nostalgicamente os fundos da paisagem.

Da estação á villa é um percurso incommodo, por um caminho poeiroso e sem arvores, sob o ceu crú de tons ardoziados, que o sol d'estio embacia, em vez de colorir... Se não quando, abordando as bocadas da terra, junto do cemiteriosinho fechado que os cyprestes pontilham sobre o muro, se nos desenvencilha de roda um grande panno decoral de coisas vegetaes, amplo e tão vasto, onde aqui, além, seguindo repregos do solo, os montados e olivaes fazem borrões, e lavradas interminas vadiam por superficies fulvas, picadas de casaes, e nas afóras do cerraceiro longinquo, são já as avistadas de Vianna, Cuba, Alcacer e Ferreira, em tres districtos differentes do paiz.

Entra-se então n'uma d'estas povoações do typo alemtejano, pela maior parte construidas de taipa, caiadas a ponto de fazer ophtalmias — telhados de telha solta, cercados de piteiras, casas terreas prumando em ruas ladeirentas, com tonturas da luz, como a cahir... No solo de calhaus cheios de pontas, com bórqueiros á solta, e cováchos de subrodas que fazem solavancar os eixos das carretas, malva e grizanda crescem junto aos muros; e as filas de casebres tortos dão-se os braços: este que verga, como se fosse a vomitar: outro já velho, que quer sentar-se, sem folego; e alguns, cheios de pustulas, com os baixos das portas carcomidos, teem o ar d'essas mendigas leprosas que se vão aos bocados, sem dôr, nas camas dos hospicios...

N'esta ou n'aquella esquina, um ramo secco de louro, pinheiro ou oliveira, indica a taberna! uma velha gorda arremenda, e estão dois carrejões bebendo aguardentão. A meio da rua, a bacia de latão de D. Quixote, chanfrada e pendente d'um gancho, mostra o barbeiro; e logo nos baixos d'um predio novo, em duas portas com marqueza de pinho, é a loja, com seu *Habilitado*, e a caixa do correio — a loja onde a população toda se fornece, e vende tudo: chitas, chapeus, manteiga, feijões, bispotes e tabacos...

Cavernas de exploração de antigas pedreiras

E' a hora do calor, um dia de semana; quasi todas as casas são fechadas. Os pobres fóra, a trabalhar nos campos; os ricos dormindo a sésta, e só alguma mulher na sombra d'algum alpendre, canta, cosendo ou embalando o filho, alguma d'essas *modas* melancholicas do paiz adusto, onde parece filtrar-se ainda a ancestralidade moura das primitivas invasões.

Que longe do mundo é tudo isto, e como a nevropatia inquieta do homem das cidades tem medo de morrer aqui subitamente! No alto ceu, o silencio inquieta, que o sol trespassa, e boqueja do sul um halito de forno... Só os canarios no corredor da casa do medico, que a serva réga, parecem não dar pela angustia lybica da hora, que entretanto no campo as cigarras *descrevem*, em zoeiras que parecem exprimir uma sede universal.

Posta na altura, com seu ar velho, sua pobreza risonha, asseadinha, Alvito é na charneca alemtejana um ninho lindo de humildade, e parece ter respeitado, como raras povoações do meu districto, uma a uma, as velhas pedras attestantes da sua remota vestutez.

Eram os relogios publicos, n'estes povitos ainda agora medievos, o monumento que os antigos municipios mais se praziam d'alçar com arrogancia e pompa conversas á sua autonomia politica e tradições. Os d'estes sitios horejam todos em torres de mais ou menos romantica perspectiva; e para as erguer colhiam, já se vê, o ponto mais alto e centrico da terra, de sorte que o sino a cada um chegasse, deixando o tempo cahir em gotas lentas...

Esta d'Alvito é uma aventesma branca que

parece evocada d'alguma paisagem tragica de cerco. Sobre o friso da massa ha um colar de ameias curtas: logo, nos cantos, macissos fogareus pyramidaes; e acima dos telhados destaca o cartucho oitavado da cupula, esguio e entresachado no bico por uma corôa condal de pontas divergentes.

Devia um pouco o alvaneo que a fez, ter sonhado c'o zimborio romanico da Sé d'Evora—e sem duvida o seculo XVI a viu crescer do andaime de robles, quando até na colher do trolha vivia um pouco a epopea das guerras, pelas fórmas heroicas que sabiam imprimir ao barro insonte.

Tanto as casas *ricas* são, n'esta parte do Alemtejo bisonho, casarões de typo bastardo, copiados d'um modelo d'armazem e caserna que é a architectura da burguezia rural, utilitaria, quanto certas fachadas velhas de casitas pobres guardam no arranjo archaico recordações da antiga e pictoresca maneira de fazer. A cada instante ha portões d'ogiva, em pedra branca, e padieiras e engras com rudimentos e abreviaturas gracis da Renascença de D. João II e D. Manuel. E isto admira, porque a parede é terra batida, com trezentos e quatrocentos annos de leite de cal protegendo-a apenas da humidade e da podridão, e os moradores são rudes, e naturalmente pouco reverenciosos perante coisas de que não sabem ouvir a vóz, do fundo das edades. N'uma das ruas vi eu a fachada intacta d'uma d'essas casitas, que deve ser especimen puro da antiga residencia terrea do cavador ou pequeno lavrador, no Alemtejo dos seculos XV e XVI. Tres partes distinctas: 1.ª a *casa de fóra*, mais baixa de telhado, e com uma unica porta, e sem janella. 2.ª o sobrado, no mesmo plano vertical da casa de fóra, fazendo uma especie de torreão junto á primeira, e com uma unica janella arejando as casas do seu pizo. 3.ª a seguir ao sobrado, e pouco mais alta que os telhados d'aquelle, a porção de parede onde está aggregada a chaminé: esta em resalto, apoiando-se, á altura do telhado da casa de fóra, em tres misulas toscas de pedra, ligadas por especies de *SS* divergentes e oppostos pelas pontas.

Exterior da egreja matriz d'Alvito

Porta e janella com esquadria do tosco marmore granuloso das pedreiras locaes, lisa nas hombreiras, soleira e peitoril, mas tendo na pedra de cima, em tosco relevo, sobre fundo cheio, rudimentos da rozacea e capiteis d'uma janella trifoliada, d'entre gothico e Renascença, motivo que vi repetido por outros portaes de casas pobres da villóta.

A chaminé, um encanto, embutida no muro como um cofre arabe ou indiano, de que fossem pés as misulas de pedra, e ansas os respiradouros lateraes, de rêde d'adobos, mui ligeira, e guarnição superior, outra rêde de adobos, do mesmo typo, mas muito mais minuciosa, mourisca e complicada, e terminando por um guarda-fogo de telha, a quatro aguas.

*

No Rocio de S. Sebastião, ou Rocio *das Covas*, onde se faz a feira de novembro—e assim chamado por uns respiros do chão, tapados com pedras, dando luz a cavernas onde desde muitos seculos se exploraram pedreiras de calcareo [1]—sita a ermidóla de S. Sebastião, modelada na especie de silhueta gotico-militar de S. Braz d'Evora, Santo André de Beja, egreja da Vera Cruz do Marmelar, e em mais modesto, Santa Clara da Vidigueira, que todas se lembram e apelam, pela similhança de fortalezas—nos contrafortes de columnas redondas, algumas da grossura de torrélas, nos coruchens ponteagudos e macissos, na cresteria de setteiras fazendo platibanda... Esta de S. Sebastião é um humilimo sanctuario que só tem de fi-

[1] Alguns d'estes respiros, ainda intactos, mostram no tecto das cavernas um como fecho d'abobada, d'alvenaria, que supponho não tenha sido feito de proposito para a illuminação subterranea dos cabouqueiros e britadores. E seriam bóccas de silos, que os houve, e ainda ha, numerosos, no sitio, da epoca romana e moura, e muito tempo se conservaram, e não sei se inda conservam, alguns, intactos e perfeitos.

Nave lateral da matriz

xavel a manchita branca, romantica, compondo poeticamente o arrabalde', co'a portasinha ogival, tendo aos dois lados assentos de pedras lavradas, que cobririam talvez antigas sepulturas.

*

Data de D. Diniz a egreja parochial d'Alvito, templo mui bello, que já dissémos ser construção dos trinos de Santarem, senhores da villa. A egreja é d'estructura gothica, e da construção fundamental restarão, quando muito, algumas lapides tumbaes, e talvez os arcos que abrem para a nave central as duas capellas sepulchraes, que mais ao deante esplanarei.

Pelo exterior conserva nas linhas mães o feitio estructural do nosso gothico pobre d'alvenaria, cuja gracilidade mystica os successivos emplastros estragam e apezunham. A fachada é pobrissima, do seculo XVII ou XVIII, deturpada, e com a architectura d'adega em que se comprazem as modernas juntas de parochia, que, sem dinheiro, entregam a alvanelos locaes essas obras baratas, n'um fim exclusivo de reparo contra a ruina total e os temporaes. Alguma gargula musgosa e já delida das aguas, alguns toscos coruchous sobrelevando os macissos contrafortes; arcos-botantes cheios, prendendo por fóra a nave central, mais alta, aos *bas-côtés* ou naves lateraes: a torre macissa, informe, com dois arcos por banda, na lanterna dos sinos; e eis ahi a physionomia exterior do velho templo, menos artistico que o de Vianna, sem duvida, mas inquestionavelmente digno de ser declarado monumento nacional, e como tal defendido das brutalidades do tempo e crassidão das juntas de parochia.

Lá dentro, porém, o aspecto é outro, e vêem-se duas fileiras d'arcadas perspectivando um sanctuario d'abobadas solemnes, paredes d'azulejos, lageas tumbaes cobertas de letreiros, e esse ar de confidencia afflicta, de silenciosismo inconsolavel, que a religião prime nos sitios onde muita gente chorou as suas dôres.

A arcaria tem por cada lado, cinco arcos—de ogiva, revelando fabrica mais antiga, o que é chegado ao *transept* da egreja—os quatro restantes, de volta redonda, lisos, mais simples, o ultimo dos quaes metteram na parede do côro, aquando as obras da capella-mór, pulpito, etc.,—cinco seculos mais novas que os supraditos arcos ogivaes.

Capella mór da matriz, vista do côro

Disse ser a egreja, pela maior parte, azulejada. Os azulejos do corpo central teem fundo amarello, d'arabescos e florões, com bordadura azul cobalto; os das naves lateraes, fundo cobalto, em vermicelas finas, e no cheio dos arcos, toscos paineis de santos e de frades. Pareceram-me bastante velhos, os ultimos mórmente, mas não lhes topei assignatura ou data; e do mesmo typo os da sacristia, litteralmente forrada até á abobada. Capella-mór, pulpito e côro são do seculo XVIII, e seriam feitos os tres, do mesmo jacto, quando em 1740 e tantos começou a primitiva a ameaçar ruina. A capella-mór, de talha dourada, substituiria o retabulo gothico do seculo XIII ou XIV. Qual elle fosse, não sei, mas na minha primeira visita topei na sacristia com uma placa de marmore branco, representando em alto relevo uma adoração de magos, na esculptura rigida, comica, tocante, dos imaginarios mysticos do tempo. Já lá não está, mas fiquei pensando que o retabulo da primitiva capella-mór d'Alvito perfeitamente poderia ser, como os de tantas egrejas dos seculos XII e XIII que eu vi pela Galliza (1) uma vasta historia sagrada, em successivas scenas, ou como os chronicons arengam, *estorças de culto*, das quaes alguma fosse o rectangulo de pedra esculpida que vem dito. Mau grado os emplastos e dispersa fragmentação da architectura, as linhas geraes são bellas e conservam-se, e o aspecto da egreja é grave e cheio de força. A abobada, arrojada n'um vôo largo de nervuras de pedra, salientes, desenha quadros radiando d'um zebro ou espinha dorsal, cujas costellas convergem a apoiar-se em misulas de pinha, contra os muros. A arcaria, illuminada

(1) Exemplos: o da cath. d'Orense (madeira plychroma), capella do castello de Monterey, parochial de Vivero (fragmentos), mosteiro de Ribas de Sil, San Roman de Santis (Lalin), capella do Cabo de Finisterre, de Baîsas, do mosteiro d'Agostinhos de Arzua, egreja de Santa Maria de Caldas de Reyes (fragmentos), etc.

apenas pela janella do côro, sobre a porta, deixa na sombra as naves lateraes, e apaga artisticamente a nodoa dos oratorios de talha, deploraveis; e ao fundo a capella-mór, d'oiros fanados, tem um crepusculo vago de tabernaculo, favoravel ás assumpções da poesia.

Disse que o primeiro arco de cada panno d'arcaria, junto ao *transept*, era d'ogiva, em vez de ter volta redonda. E' esta a parte nobre e mais antiga do templo, reservada do resto das naves lateraes por gradarias que fecham duas salas rectangulares, de que os mesmos arcos eram entrada, e em cujo fundo se vêem dois mausoleus sobre degraus. A gradaria que antigamente por todos os lados fechava estas capellas funebres está hoje arrancada, mas da sua inserção ainda se podem vêr vestigios em buracos de hombreiras e columnas. Ambas as capellas parecem ter tido azulejos, mas hoje estão apenas caiadas e sem o menor ornato mural. O chão é de tijollos miudos; e os dois sarcophagos, eguaes, de linhas nuas, em forma de papeleira e dorsos de bahu, teem esculpidos na frente, o da esquerda, se bem recordo, o brazão dos Lobos (em campo de prata cinco lobos de preto, em aspa, armados de vermelho; estes fidalgos traziam as referidas armas com uma bordadura azul cheia d'aspas d'ouro, e por timbre um lobo com sua aspa na espalda)—o da direita, o brazão dos Silveiras (tres faixas vermelhas em campo de prata, por orla uma silva verde, e por timbre meio urso armado de vermelho e como saindo d'uma capella de silvas). Nos relevos e ornatos do arco ogival, entrada das capellas, o trabalho é mais minucioso e aprimorado, posto mui simples: os capiteis, da epoca florida, já d'um relativo acabamento; e as columnas formadas de feixes de columnellos, que são como a descida das cordas a meio relevo do arco que as encima.

Seria primitivamente assim toda a arcaria da egreja, e n'esse caso representarão os arcos restantes apenas um amanho ou reparo em epoca posterior? Assim parece. Mas a que epoca pertencem uns e outro? Sabendo o nome dos que dormem nos mausoleus, um Lobo e uma Silveira, ou vice-versa (1), em todo o caso o casal d'onde saiu para a familia d'Alvito o appellido de Lobos da Silveira, facilmente se averiguarão as datas provaveis ou certas da construção e reparação que nos occupa. A chronica dos trinos talvez possa informar, mas por desgraça nem n'esta charneca eu posso havel-a, nem os papeis do marquezado fazem a menor luz sobre quem dorme nas tumbas mysteriosas. Será conjecturando pois que falaremos. Os livros de genealogia põem o tronco da casa d'Alvito em D. Affonso Diniz, filho legitimado de Affonso III e D. Maria Paes Ribeiro, a *Ribeirinha*. Do leito houve um segundo filho, que foi o illustre Martim Affonso de Sousa, senhor de Bayão. No tempo de D. João I representava a familia um D. Diogo Lopes Lobo, senhor d'Alvito, de Niza e Villa Nova (chamada da *Baronia*, mais tarde), cuja filha, D. Maria de Souza, casou com João Fernandes da Silveira, personagem d'estófa e servidor querido de D. Affonso V e D. João II, occupando os cargos de *chançarel*-mór do reino, vedor da fazenda, escrivão da puridade, e por dez vezes embaixador de Portugal: trabalhos que Affonso V galardoou com o titulo de barão, *que foi o primeiro havido no paiz*. João Fernandes da Silveira, da illustre casa dos morgados da Silveira, do Alemtejo, que se fazem provir de Geraldo Sem Pavor, é pois o fundador da linha dos condes barões de Alvito, que assignam Lobos da Silveira, e os mausoleus da egreja pertencem, provavelmente, o da esquerda, que tem o escudo dos Lobos, a D. Maria de Sousa Lobo, o da direita, a João Fernandes da Silveira, indicado pelo escudo dos Silveiras—que ambos tambem se vêem a côres no remate da abobada das capellas. Passa o casal por ter sido fundador do castello solar d'Alvito, em tempos d'Affonso V (outros dizem que D. João II edificou o castello, para o doar aos barões, pouco depois), e é natural que tão magnificos senhores tivessem costeado ou ajudado as obras de reconstrucção da velha egreja, d'onde sua jazida em capellas mausoleus.

Ermida de S. Sebastião

FIALHO D'ALMEIDA

(1) Nenhum dos mausoleus tem data ou inscripção.

# Os «Panneaux» (Fragmentos)

## Do pintor Carlos Reis
### Para a Sala Renascença
### DO
## GRANDE HOTEL DO BUSSACO

O pintor Carlos Reis concluiu os *panneaux* destinados a decorar as paredes da sala de festas do Grande Hotel do Bussaco, que, como se sabe, é em estylo Renascença. Muito vasta, faltam a esta sala, seguramente, a harmonia e o equilibrio, que constituem toda a obra prima de architectura. Mas esta defficiencia, que em nada prejudica aos olhos distrahidos dos *touristes* a grandiosa impressão do conjuncto, que é de uma intensa belleza decorativa, demasiado a vemos compensada pelo trabalho maravilhoso do canteiro coimbrão, que está resuscitando a pericia nunca excedida de cinzel do artifice do Renascimento. Todo o lavôr de pedra é esplendido e só por si basta para absolver os erros numerosos do architecto. Sobrecarregada de ornamentos, como se acha, não era facil a tarefa do pintor a quem fosse distribuida a honra de lhe decorar as paredes, de lhe vestir e colorir a magestosa e frigida nudez.

A decoração mural abrange um extenso friso, dividido em *panneaux* pelo intercalamento de columnas, e que o pintor ligou pela concepção e desenvolvimento do assumpto: uma festa campestre na Renascença.

Afinando assim no mesmo estylo, a pintura e a obra architectonica completam se, combinam-se e realçam-se.

Fragmentos dos «panneaux» centraes

É de louvar o cuidado meticuloso que o distincto professor da Escola de Bellas Artes de Lisboa poz na reconstituição indumentaria das scenas e o animado encanto com que agrupou as figuras nos *panneaux*.

Intensamente decorativas, as suas telas vão valorisar de maneira notavel a sala, já demasiado rica para um hotel, do edificio scenographico do Bussaco, e são, no genero, do melhor que tem sahido do seu pincel de paisagista consagrado.

A occasião parece-nos opportuna para lembrar quanto n'esse palacio — de que a sua imaginação ardente de meridional planeara fazer uma maravilha, — se sente a falta injustificada do retrato de Emygdio Navarro. Agora, que se terminam as suas decorações pomposas, era o momento de as completar encarregando o grande pintor Columbano Bordallo Pinheiro de pintar o retrato do homem por tantos titulos illustre, a cuja influencia, a cujo talento e a cuja pertinacia o Bussaco deve o seu hotel monumental. Isso daria ainda ensejo a mostrar a essas problematicas caravanas de excursionistas estrangeiros, que affluirão ao Bussaco, uma obra do primeiro retratista que jámais houve em Portugal.

A anecdota é a consagração da historia,—disse-o um illustre escriptor francez.

Uma só anecdota vale ás vezes, na evocação e na reconstituição d'uma figura historica, por centenas e centenas de paginas benedictinas sobre um facto ou sobre uma epoca. Uma phrase apenas, rematando uma historieta flagrante e viva, marcando a aresta dominante d'um caracter, resurge mais completamente uma figura do que as mais largas e respeitaveis lombadas de philosophia da historia. A anecdota é a historia em movimento. «*L'histoire humaine, voilà l'histoire moderne*»—disseram os Goncourt. A anecdota, humanisando a historia, realisa a sua fórma mais impressiva, mais moderna, mais completa e mais interessante.

D. João V é precisamente o rei portuguez que mais se presta á consagração anecdotica,—porque é o mais caracteristico e o mais caricatural de todos elles. Faltou-nos um Saint-Simon para fixar todos os pequenos episodios galantes da côrte do Paço da Ribeira com a graça leve, empoada, ligeiramente escandalosa, infinitamente suggestiva do fidalgo francez: entretanto, algumas anecdotas do nosso Luiz XIV ficaram vivas na tradição, e outras encontram-se dispersas por alguns preciosos codices da Pombalina (Mss. da Bibliotheca Nacional) ou pela magnifica collecção de S. Vicente (Torre do Tombo), não falando já nas magnificas notas das *Memorias do Bispo do Grão-Pará*, que bastariam por si sós para reconstituir um D. João V freiratico, amoroso, perdulario e ornamental.

Escolhemos, entre essas anecdotas, algumas que mais vivamente caracterisam o grande rei d'Odivellas,—e a sua preciosa e faustuosa côrte de cabelleira, de veste de brocado, de sapato de tacão vermelho e de bastão de punho d'oiro.

*

* *

Uma das notas predominantes da individualidade de D. João V era a sua immensa e tradicional fanfarronada de grandezas.

Como o grande Luiz XIV, podia dizer na insolencia magnifica da sua sumptuosidade: — « *J'enrichis mon royaume en dépensant beaucoup!* » Não recuava diante da propria ruina. Para elle, um lindo gesto valia todo o oiro do Brazil. Foi o conde de Farrobo da casa de Bragança.

Um bello dia, estando já quasi prompto o monstruoso convento de Mafra—esse delirio immenso de brazileiro rico—, chega-se junto de D. João V o grave marquez de Abrantes e diz-lhe com o ar mais contristado e mais sombrio d'este mundo:

—Meu Senhor... Chegou carta de Hollanda com o pre-

ço do carrilhão que Vossa Magestade encommendou...

—E então?

—Pedem por elle quatrocentos contos, meu Senhor!

Quando o fidalgo suppunha que o seu régio amo ficaria acabrunhado com semelhante exhorbitancia, viu-o erguer a cabeça triumphante, sorrir, e dizer-lhe com a naturalidade d'um grande actor:

—Quatrocentos contos, um carrilhão? Não suppunha que fosse tão barato! Mande vir dois, marquez!

* * *

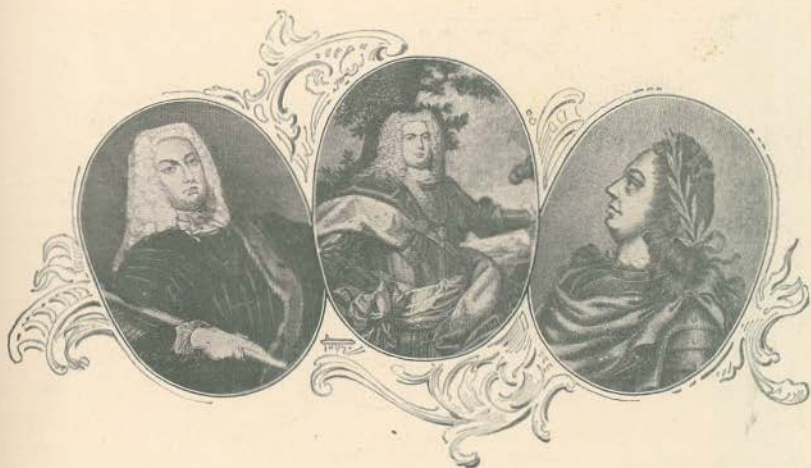
D. João V era um verdadeiro D. João... Tenorio.

Affirmava uma dama do tempo a Fr. José Queiroz que na vespera da procissão dos Passos o rei costumava vestir-se de mendigo e ir collocar-se junto da imagem do Senhor, na egreja de S. Roque, para vêr mais de perto as fidalgas. Era vulgar tambem, já depois de casado, empregar o systema portuguesissimo do atracão, nos corredores escuros do paço, com as damas e camareiras da rainha. Foi o que succedeu certa noite, com a condessa de Villa Nova de Portimão, uma das mais lindas mulheres do tempo,—mas da tempera da marqueza d'Angeja, forte de braço, desempenada e sem papas na lingua. A condessa ia com o seu pagem de tocha a dirigir-se ao quarto da prima camareira-mór; o rei surge da sombra, dá um sôpro na luz, a tocha apaga-se, D. João V vae para cingir a fidalga, para a beijar, n'isto leva uma bofetada tremenda, vacilla, perde a cabeça, e emquanto o pagem volta a accender o brandão, pergunta desorientado, furioso, rubro de colera:

—Quem se atreve a esbofetear o rei?

—E quem se atreve a faltar ao respeito a condessa de Villa Nova? — respondeu a fidalga, ainda com a mão a arder da bofetada que applicára na face do monarcha.

Então D. João V cahiu em si, lembrou-se de que devia ser um homem de espirito, tirou o chapeu, curvou leve-

mente o joelho n'uma mesura galantissima, e articulou n'um sorriso:

—Senhora condessa, beijo-lhe as mãos.

* * *

O nosso Rei-Sol tinha sempre um dos pés no peccado e o outro na penitencia. Vivia positivamente entre um leito d'amor e um confissionario, —entre um beijo de mulher e a cinza d'um *Memento homo*. Confessava-se antes e depois de peccar. Sahia da camara forrada de damasco da *Flôr da Murta* ou da cella escandalosa da cigana Margarida do Monte,—e acolhia-se logo ao regaço franciscano dos confessores. Procurava as indulgencias da religião,—mas não consentia que os confessores o importunassem prégando-lhe moralidade ou fidelidade ao matrimonio.

Um dia, um dos velhos franciscanos que ordinariamente o confessavam e que tinham moradia no paço, como a vida escandalosa do rei com as varias amantes estivesse tomando um caracter de vergonhosa ostensividade, lembrou-se, sinceramente compungido pelas mortificações da rainha, de tentar reconduzir D. João V ao leito conjugal, recordando-lhe os seus deveres de marido e a sua qualidade de rei. O monarcha, ajoelhado aos pés do confissionario, ouviu pacientemente todo o sermão do frade, sem tirar os olhos do chão, n'uma attitude contricta e humilde, —mas no seu intimo o que elle estava era a vêr a melhor maneira de pregar uma partida ao bom do franciscano. Terminada a confissão, resada a penitencia, o régio amante da Petronilla mandou chamar um dos seus mordomos e ordenou:

—De hoje para o futuro, não quero que se dê a Frei Thomé de Jesus, tanto ao almoço como ao jantar, senão gallinha. O frade anda doente e faz-lhe mal comer outra coisa.

As ordens do rei foram cumpridas. D'ahi por diante o

bom franciscano não comia senão gallinha,—gallinha de todas as fórmas, gallinha cozida, gallinha assada, gallinha recheada, empadas de gallinha, gallinha de fricassé, ao almoço, ao jantar, a toda a hora, já não podia vêr gallinhas, supportar gallinhas, cheirar gallinhas; começou a não comer, a emmagrecer, a definhar, a padecer do estomago,—até que por fim, já sem saber o que fizesse, que resolução tomasse, queixou-se ao rei:

—Eu já não posso comer mais gallinha, meu Senhor... Dou a alma ao Creador se Vossa Magestade me não muda a dieta...

Logo o rei, curvando-se sobre o hombro do frade, n'um sorriso significativo:

—Já Vossa Paternidade fica sabendo para seu governo: nem sempre gallinha, nem sempre rainha...

*
* *

D. João V detestava o estylo do padre Antonio Vieira, o feitio empolado, severo, e ao mesmo tempo amaneirado e artificial dos seus sermões. Para elle não havia senão a *Martinhada*, e o grande livro era o *Pinto Renascido*.

Um dia, o desembargador Marques Bacalhau esqueceu-se da antipathia do rei pelo nosso primeiro orador sagrado —antipathia que attingia o exaggero—, e como pelo contrario era um grande admirador do celebre jesuita, gabou diante de D. João V o estylo magistral do Vieira.

—Quê?! Tambem gostas de trique-traques?—atalhou o monarcha, carregando o sobrolho para o corregedor.— Tambem entendes de trique-traques?

*
* *

Havia temporadas em que D. João V apparentava um certo recato nas suas aventuras extra-conjugaes. Quando mandava pôr a liteira para ir a Odivellas dar dois dedos de conversa á Madre Paula, e sahia do paço para se metter a caminho, embuçava-se n'um grande capote e descia sobre os olhos a viseira de feltro do sombreiro. Só pela altura do *Arco dos Pregos* é que se desembuçava.

Dizia então o seu amigo Coculim, referindo-se a este pormenor dos passeios a Odivellas:

—É no *Arco dos Pregos* que el-rei perde a vergonha!

*
* *

D. João V era auctoritario como um Cesar. Entendia elle que uma ordem sua devia mover montanhas, que a vontade d'um rei é quasi a vontade de Deus, que o poder real resume uma parte da omnipotencia divina. A côrte, quando elle pontificava semelhantes frioleiras, curvava-se humildemente, dobrava o joelho, esboçava uma mesura e affirmava invariavelmente que morreria por sua magesta-

JOANNES V. AUGUSTISSIM
LUSITANORUM REX
PIUS, FELIX, INVICTUS
MAXIMUS

de se preciso fôsse. Um dia, porém, o marquez de Ponte de Lima permittiu-se fazer uma ligeira restricção ás affirmações do monarcha, sustentando respeitosamente que, como de resto todas as coisas humanas, o poder real tambem tinha limites.

—Qué?— estranhou o rei.—Então se eu te mandasse atirar ao mar, tu não ias immediatamente deitar-te á agua, de cabeça para baixo, para obedecer á minha ordem?

O marquez não respondeu, tomou a capa, o sombreiro de grande pluma, a espada doirada, curvou-se diante do rei n'uma mesura, e ia para sahir, quando D. João V o chamou, assustado:

—Marquez! Onde é que tu vaes?

Logo o marquez, terminando galantemente a sua mesura, e sorrindo para o monarcha:

—Aprender a nadar, meu senhor!

* * *

No fim da vida, já quando a mocidade lhe ia faltando, D. João V nem por isso deixava de cumprir para com a celebre italiana Petronilla as suas obrigações de galanteador. Era precisamente para que essas obrigações se cumprissem sem maior desaire, que João Jacques de Magalhães dava ao rei a classica essencia d'ambar nos dias em que lhe appetecia uma pequenina viagem a Cythéra.

Era certo que D. João V, na volta de semelhantes viagens em que sempre o acompanhava o seu confidente, um tal Manuel da Costa, vinha doente, quebrado de corpo, recolhia á camara para se deitar e chamava o seu velho medico e grande amigo o physico-mór João Bernardo de Moraes, irmão do padre Manuel Bernardes.

—Acode-me, que venho morto!—dizia o rei, prostrado sobre o leito, pallido, coberto de suor.

Então o velho medico, tacteando o pulso do monarcha, era certo resmungar, enfurecido, com olhos coruscantes sobre os dois validos do amante da Madre Paula:

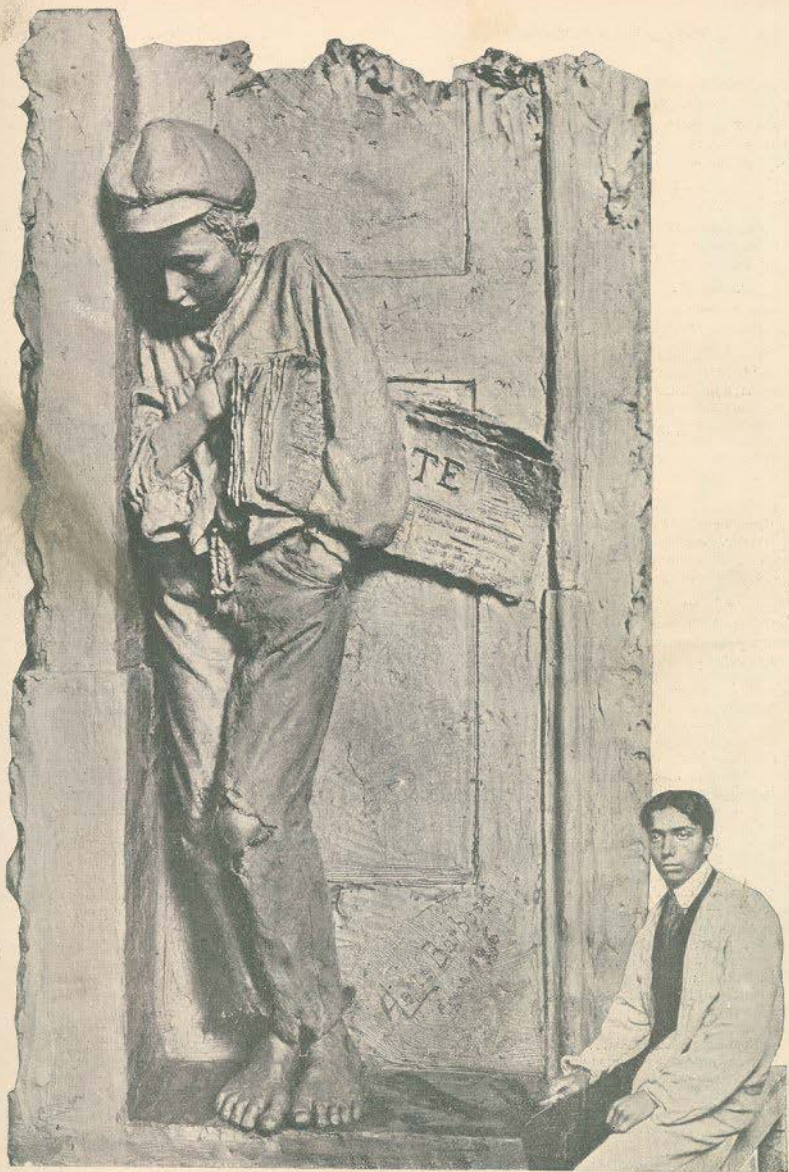
—Acuda-lhe João Jacques que sabe o que fez a Vossa Magestade, e Manuel da Costa que sabe o que Vossa Magestade fez!

* * *

Quando D. João V morreu, d'uma paralysia causada por esta e outras extravagancias de rapaz... depois dos 50 annos, os frades, bispos e cardeaes que lhe rodeavam o leito, limpando os olhos ás mangas dos habitos e ás dobras das murças, commentavam, seraphicamente:

—Era um santo rei!—Era o espelho da castidade e da virtude!—Era o exemplo do homem casto e abstemio!—Nunca conheceu outra mulher senão a sua!

Entretanto a rainha, na sua calma de allemã, vestida de dó preto, um grande manto sobre os cabellos ainda loiros, ouvia as lastimas hypocritas dos frades e pensava serenamente comsigo:

—Como elles são!

UM NOVO ESCULPTOR

A Escola de Bellas Artes do Porto, fundada por Passos Manuel e desde então quasi abandonada aos seus proprios recursos, pobremente dotada e deploravelmente reduzida no seu ensino, continua a collaborar de uma maneira notavel no engrandecimento da arte portugueza.—O esculptor Alypio Leite Barbosa, que a *Illustração Portugueza* se honra de apresentar hoje aos seus leitores, obteve a mais alta classificação para a sua prova de concurso do 5.º anno, sendo o thema — «Um vendedor de jornaes acossado pelo frio e pela fome, adormece encostado á hombreira de uma porta». Felicitando o moço esculptor pelo seu triumpho, a *Illustração Portugueza* torna extensivo ao seu mestre illustre o grande esculptor Teixeira Lopes, as suas calorosas felicitações.

*(Cliché do sr. Aurelio da Paz dos Reis)*

# O Espirito de Barjona de Freitas

Eu conheci o notavel estadista — porque o foi de verdade — em 1876, quando tomaram capello na faculdade de philosophia, e juntaram os seus banquetes festivos em um só, no grande salão do Club Academico, os drs. Bernardino Machado e Antonio José Gonçalves Guimarães, que hoje ennobrecem o ensino universitario.

Fontes Pereira de Mello foi o *padrinho* do dr. Bernardino Machado; Barjona de Freitas o do dr. Gonçalves Guimarães.

Foram dias grandes para os regeneradores de Coimbra, no periodo aureo do extraordinario prestigio do dr. Lourenço de Almeida e Azevedo, o grande clinico!

Por signal que o brinde de Fontes n'esse banquete de lentes e estudantes — um silencio religioso se produziu quando se ergueu o grande tribuno parlamentar — foi somenos. Sem o relevo, sem os toques, as pequenas phrases singulares que são o encanto d'estas festas scientificas e litterarias.

Não era o brinde academico a sua especialidade — que oratoriamente tinha outra, inegualavel no seu tempo.

Foi n'esse jantar que eu conheci Barjona de Freitas, quando já redigia a politica regeneradora da *Correspondencia de Coimbra*, que ainda hoje existe com perto de quarenta annos de edade.

E depois, vindo a férias, visitei-o na sua casa do largo do Intendente — palacio do fallecido visconde da Graça, — acompanhado do sr. Julio de Vilhena, a quem á sahida interroguei admirado:

— Então o Barjona só tem aquelles livros?! Duas pequenas estantes?!

— Nem são precisos mais...

Uma resposta que então me pareceu desarrazoada, mas a que hoje vou achando razão de sobejo.

Foi ha 30 annos que conheci Barjona de Freitas, e elle morreu ha seis.

Barjona de Freitas

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Como não se trata de uma biographia, não o acompanharei na sua vida de academico, de lente, filho e neto de lentes, á sua vida de ministro, n'um largo periodo em que o foi por muitas vezes, desde o ministerio da fusão historico-regeneradora, em 1865, ao anno de 1886 — no ultimo ministerio de Fontes, desde o celebre concurso em que a faculdade de direito, obrigada pela voz tribunicia de Vieira de Castro, teve de reconsiderar, admittindo-o depois de o haver excluido, á sua commissão de nosso representante diplomatico em Londres, onde, pelas negociações do tratado de 20 de agosto de 1890, prestou um enorme serviço ao seu paiz — um d'esses serviços de que ainda ha só, por emquanto, a historia feita, apaixonadamente, pelos jornaes. Restrinjo-me, pois, limitando-me á nota caracteristica, individualista, pessoalista, que desejo e quero imprimir a estes singelos escriptos. Circumscrevo-me aos traços geraes da sua individualidade, e aos episodios anecdoticos — os que conheço — do seu permanente bom humor.

*

Eu tenho conhecido na politica portugueza tres espiritos subtis acima de todos, possuidores d'aquella improvisação que desorienta todas as regras escolares da dialectica: inspirações de momento que podiam incluir-se na *vis divina* de Horacio. D'estes espiritos que argumentam e raciocinam com surprezas de prestidigitador, que deixam o auditorio boquiaberto, sabendo o ouvinte que ha falsidade, mas não podendo corresponder, impotentemente, á destreza do artista.

Ahi vão os tres nomes: *Barjona de Freitas*, o primeiro d'elles todos; *Marçal Pacheco*, de que me hei de occupar em separado, muito digno de lhe estar á mão direita, como discipulo amado, admirando-se sempre os dois, mesmo quando, em breves parenthesis, viviam amuados, e *Ruivo Godinho*, nascido em Povoa e Meadas, no concelho de Castello de Vide, onde commandou um movimento de rendeiros contra o duque de Loulé, e que foi professor do lyceu de Castello Branco e deputado ás côrtes em duas ou tres legislaturas.

É o nome d'este ultimo um nome muito pouco lembrado, restrictamente conhecido da localidade e dos que foram seus collegas, completamente ignorado do que se chama o *grande publico*.

Mas era uma perfeição a argumentar, sem nenhuma *pose*, sem eloquencia mesmo, nas poucas vezes que falou no parlamento!

Por sua parte, Barjona de Freitas tinha este principio: a qualquer argumento, a qualquer ataque, a qualquer accusação, seja ao que fôr, mesmo quando a razão nos não assista, deve-se sempre responder com a primeira cousa que nos acuda á imaginação. De prompto, com audacia.

E exemplificava.

Muito abstractamente seguia um sujeito por certa rua, quando, ao passar rente por uma mercearia, cuspiu para uma ceira de passas que estava á porta, em reclamo.

Acode o merceeiro furioso, ameaçador:

— Patife! Pois vem cuspir-me nas passas?

E o transeunte:

— Desculpe, porque eu cuidava que eram azeitonas.

O merceeiro atordoou-se naturalmente com o imprevisto da resposta, e emquanto fica a pensar porque razão seria que o homem podia cuspir se em vez de passas se tratasse de azeitonas, o interlocutor teve tempo de se ir embora, sem necessidade de mais explicações, que nunca podiam ser justificadas.

Não vem esta regra em compendios, mas é muito superior, na pratica e nas situações difficeis, a quantas se colleccionam em livros.

Mas *os bons espiritos encontram-se*, e assim temos uma passagem muito parecida no romance *L'homme qui rit* de Victor Hugo.

O mesmo processo de fugir a difficuldades...

Quando o philosopho *Ursus* se encontrava, no seculo XVII, na cidade de Londres a fazer as suas exhibições varias, descuidou-se um dia, aventando proposições que foram consideradas hereticas, e, para se explicar do seu sentido, foi chamado a uma especie de tribunal de inquisição, onde se encontrou, receioso, em frente de juizes austeros que se chamavam Minos, Eaque e Rhadamante.

Vae conforme o texto original:

— *Vous dites des choses mal sonantes. Vous outragez la réligion. Vous niez les vérités les plus evidentes. Vous propagez des révoltantes erreurs. Par exemple, vous avez dit que la virginité excluait la maternité.*

*Ursus leva doucement les yeux:*

— *Je n'ai pas dit cela. J'ai dit que la maternité excluait la virginité.*

*Minos fut pensif et grommela:*

— *Au fait, c'est le contraire.*

E Hugo conclue:

— *C'était la même chose. Mais Ursus avait paré le premier coup.*

No genero conhecemos um episodio da vida do ultimo marquez de Angeja, 9.° do seu titulo, Manuel Gaspar, 4.° conde de Peniche, morgado de muitas casas.

Foi conhecido, ao menos em Lisboa, da maior parte dos nossos leitores, como typo originalissimo, que em seguida a largar a vara do pallio na procissão do *Corpus Christi*, ao lado de el-rei, envergava a sua andaina ribatejana, indo espairecer para as hortas do Lumiar, Campo Grande e calçada do Carriche, fazendo itinerario obrigado pelo seu amigo Grandella ou pelo club dos *Macavencos*, acommodado no theatro da Rua dos Condes.

Ora aconteceu que o Manuel Angeja entrou em certa tarde no Martinho, abancou e pediu uma cerveja.

Chegou-a aos labios, *fez cara*, pôl-a de parte, e batendo palmas ao criado, disse:

Marquez de Angeja

(Cliché da casa Rob[illegible])

— Não presta.

Foi-lhe servido outro copo. Bebeu-o a pequenos goles, demoradamente, saboreadamente, entre conversa com amigos, até que se levantou, propondo-se a sahir.

Acudiu o criado pressuroso:

— Senhor marquez, peço desculpa, mas v. ex.ª esqueceu-se de pagar a cerveja.

— Mas eu não a bebi!...

— Perdão, a segunda...

— Mas se eu te dei por ella a primeira!

*Tableau!* Os assistentes riam-se, o moço não sabia o que dizer, o 9.° marquez de Angeja, 4.° conde de Peniche, 21.° morgado de Villa Verde dos Campos, guardava uma grande seriedade, até que, colhido o effeito da alegre subtileza, pagou e sahiu.

Seguramente o *principio* de Barjona é de resultados surprehendentes!

O notavel homem politico não era um jogador. Não tinha mesmo a paixão do jogo. Mas duas ou tres horas de jogo, á noite, era o melhor dos seus divertimentos, o primeiro dos seus espectaculos.

Barjona de Freitas raras vezes, rarissimas, ia ao theatro.

O jogo, em roda apertada de amigos, era o seu S. Carlos, era o seu Colyseu.

E tinha alegres estribilhos, sendo este o mais repetido:

*Amigo Belchior,*
*Encosta-te ás paredes,*
*Que o negocio, como vêdes,*
*Vae de mal para peior.*

Tinha *palpites* extraordinarios, e assim, quando lhe sahiram os 25 contos de réis na loteria, não foi bem por acaso.

Não se sorriam! Bem por acaso não foi...

N'uma certa loteria, de 12 contos, mandára por determinado bilhete.

Percorrem os cambistas, já se tinha vendido, mas ficando-se sabendo qual era d'elles o que costumava vender esse numero, foi-lhe encommendado para a loteria seguinte, que era do dobro.

Andou a roda, e o numero foi premiado com a sorte grande.

Outra.

O sr. Jacintho Ignacio Cabral, distincto engenheiro e visinho de Bemfica, era seu dedicado amigo, e visitava-o muito quando Barjona esteve um ou dois verões — não foram mais — no Mont'Estoril.

N'um domingo, no fim do jantar, o sr. Cabral disse que ia entreter-se umas horas no Casino.

— Pegue lá estes cinco tostões, e jogue-os ao 15. Não jogue a outro numero. Ao quinze, repare bem.

O sr. Cabral foi, conversou, distrahiu-se e esqueceu-se da meia corôa.

Mas de repente:

—Ai que tenho aqui os cinco tostões do Barjona!

E pôl-os no 15 da recommendação.

O *croupier* fez girar o marfim, a bola cahiu, e uma voz soou:

—*Quinze!*

Coincidencias? De certo. Mas a estas coincidencias, em materia de jogo, é que podia corresponder lexicographicamente esta outra palavra—*palpite!*

Era um mundano, mas um exemplar unico, de figurino seu. Era um mundano, sem nunca ter sido um janota, sem frequentar camarins, sem a assistencia dos salões, *sem fazer a Avenida*, sem cultivar a poesia (Fontes, Casal Ribeiro e Andrade Corvo escreveram versos), frequentando sómente a sociedade quando essa frequencia representava um dever da sua situação official. Era um mundano de aquella escola, intermedia dos Rastignacs e dos Rubemprés, de que Balzac dizia que *era productiva sem dar nas vistas*.

Ora aconteceu que em certa jornada em caminho de ferro vinha elle com Thomaz Ribeiro, que era, além de seu correligionario, seu amigo, contemporaneo de Coimbra. Eram intimos o *Thomaz* e o *Augusto*, como elles se tratavam dentro dos bastidores da politica. Ambos tinham sido educados nos sinceiraes do Mondego, n'aquelle trecho paradisiaco, que ainda bem mais que do Valle de Santarem o divino Garrett podia ter escripto que *era patria de rouxinoes e madre-silvas*.

Vinham já os dois irmanados d'aquella privilegiada terra portugueza

> *Que até nas plantas, felizes,*
> *Mostra genio creador!*
> *Amam-se pelas raizes,*
> *Procriam abrindo em flôr!*

Como iamos dizendo, vinha Barjona com Thomaz Ribeiro em jornada de caminho de ferro; quer dizer, juntaram-se os homens que em nosso tempo mais foram amados na sua classe de politicos; que como Salomão entendiam que *o amor faz parte da sabedoria*, e que a par de S. João Chrysostomo, o *bocca de ouro*, viviam na convicção de *que chega a ser defeito e torpeza não saber amar*.

Torpeza, nem menos!

Na mesma carruagem em que os dois jornadeavam vinha uma mulher bonita, das que desafiam *côrte*, ou o *flirt*, a que nunca faltariam dois portuguezes, a que não faltavam Barjona de Freitas e Thomaz Ribeiro.

—É verdade, Barjona, ia-me esquecendo: como ficaram teus filhos?

Era certeiro, mas a ponta do florete resvalou, porque a replica foi prompta:

—Coitadinhos d'elles, orphãos de mãe! Felizes os teus filhos, que ainda a possuem, tão amante e dedicada como a mais extremosa das mães!

É que ninguem o vencia. Ninguem! Elle, um dos primeiros bilharistas do seu tempo, parecia *dar effeito* aos seus argumentos como ás bolas de marfim que giravam no taboleiro verde!

Ficou mesmo tradicional, da Via Latina ás Arcadas do Terreiro do Paço, que ninguem o excedia na replica, prompta, malleavel, breve, estonteante!

Nem podem *apprehendel-o* os que forem ler os seus discursos, que não sommam muitos, nunca revistos por elle, difficeis de extracto, porque seria preciso, em trabalho de approximação, integral-os na oratoria do adversario, ou o adversario na sua exposição singela e clarissima. Ahi, com annotações, necessarias a quem lêsse, feitas por quem tivesse presenceado, tomariam singular relevo os requintes da sua dialectica.

Não sabemos como se fez o seu curso universitario — o curso do Barjona que é, na lenda conhecida de quasi seis seculos universitarios coimbrões, a sua mais fina essencia. Mas não se fez, certamente, pelos processos do sr. Dias Ferreira e de Martens Ferrão, dois *grandes estudantes*, que deixaram fama de uma applicação excepcional, fóra das expansões da mocidade, fama que ainda encontrámos em Coimbra.

E aqui vem a pêlo um incidente. Jantavamos no hotel Mondego, ao Caes, com o conselheiro Jacintho Candido, quando chegaram Martens Ferrão, seu filho Francisco, hoje conde e nosso conceituado ministro em Marrocos, e o dr. Joaquim José Paes da Silva Junior, eminente cathedratico da faculdade de direito, que fôra condiscipulo do notavel jurisconsulto e estadista.

Avivaram, á mesa, muitas recordações. De condiscipulos queridos e gloriosos que haviam morrido. Da sciencia do seu tempo (*), da sciencia moderna. De extravagancias da mocidade é que não falaram, porque não haviam tido tempo que chegasse para ellas.

E o dr. Paes — que ainda é vivo, felizmente, sabio de verdade, caracter honestissimo — dizia, pondo olhos de amor em Martens Ferrão:

—*Este homem é que foi um estudante a valer, meus senhores!*

A significativa exclamação é bastante para que as gerações academicas dos ultimos quarenta annos fiquem ajuizando que estudante fôra o Martens, desde que o *Paes Novo*, que sabia tudo, assim o apontava admirativamente!

Mas de certo Barjona de Freitas não foi, como iamos dizendo, um estudante como o sr. Dias Ferreira e o nosso antigo embaixador em Roma. Theorias, devia relanceal-as e apprehendel-as; doutrinas, assimilal-as e defendel-as ou destruil-as n'um prompto, conforme lhe aprouvesse. É que elle possuia a suprema acuidade intellectual!

Via tudo pelo lado pratico, e sorria-se desdenhoso dos theoricos, e assim o seu voto foi predominante nos conselhos de ministros a que presidia Fontes Pereira de Mello, que elle tentou substituir em 1887, quando o glorioso chefe regenerador morreu quasi de improviso em dia de S. Vicente.

Sorria-se desdenhoso dos *theoricos*, e *theorico* chamou elle ao seu amigo, contemporaneo de Coimbra, fanatico

(*) Uma das theses de Martens Ferrão já versava, no periodo de 40, sobre a philosophia comteana, que entre nós começou a fazer escola... trinta annos depois!

Não teem visto um papagaio de cabeça para baixo, lamuriando-se, valendo-lhe apenas a corrente — a prisão da sua liberdade — para não ir a terra?

*E' que largou de pé sem pegar de bico, ou largou de bico sem pegar de pé.*

Com estas anecdotas conceituosas, sempre apropriadas ás situações, Barjona de Freitas nunca deixou de ter roda de amigos e espectadores.

Dariam um livro os seus ditos, os seus episodios, as suas phrases.

Não tinha *pose* nenhuma. Pelo contrario tinha a singeleza do seu enormissimo talento e d'aquelle lucido criterio que foi a sua maior força de homem politico — força de que nunca abusou.

Quando elle em 1856 entrou para a Universidade — ha meio seculo completo, — e quando pela primeira vez se postou á porta da aula, como é do estylo, recebendo a reverencia dos discipulos, viu que entre elles estava (era a aula do 5.º anno) João de Deus, o primeiro dos poetas lyricos que conhecemos nas litteraturas contemporaneas.

E logo ali, quebrando a tradição veneranda dos geraes, toda hirta, toda a prumo, toda hierarchica, exclamou assim admirativamente:

— O João, que vejo — pois tu ainda por cá andas, ainda és estudante?!

E o santo João de Deus:

— Pois não te disse eu uma vez? Isto para mim é o cerco de Troya!

Em Coimbra o seu quarto era uma academia; em Lisboa a sua casa, a mesma cousa. Era uma academia de *estudos livres*, onde por vezes se faziam jogos olympicos e pythicos de politica e sociologia, em plena liberdade de opiniões, em que predominava, bem mais do que a erudição, a arte.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Morreu ha seis annos apenas, e parece que foi ha muito mais tempo. Por uma simples razão: porque sendo um evidente, era no emtanto um isolado. Nunca entrou em contactos com a multidão.

Livros, apenas deixou as suas dissertações academicas, versando a *inaugural para o acto de conclusões magnas* (estylo universitario) *sobre exercitos permanentes*, uma compillação das suas propostas ministeriaes; em 1867 e a edição do seu notavel discurso de 10 de junho de 1891, na camara dos pares, defendendo o exercicio da sua missão a Londres na qualidade de negociador do tratado de 20 de agosto.

Assim, a sua tradição ha de esmorecer com o desapparecimento das gerações que lhe foram contemporaneas, em Coimbra ou em Lisboa, sabendo estas principalmente que a sua acção preponderante de lucidissimo bom senso valeu muito para a politica e para a administração do paiz nos onze ou doze annos completos que foi ministro, de 1864 a 1886.

SERGIO DE CASTRO.

# Do Bom Pastor ao Gymnasio

... Quando, volvidos quinze annos, eu me encontrei um dia da semana passada diante da actriz Juliana, na sua saleta de jantar, julguei assistir á apparição de uma resuscitada. Eu tinha-a conhecido, despreoccupada e alegre, no velho theatro onde pontificava Pinto, o emprezario de cuidada pera e gesto brando que foi, durante tantos annos, ao lado de Leopoldo de Carvalho, o arguto seleccionador de artistas e de peças, conhecendo bem o seu publico e dando-lhe, de braço dado com Valle, o seu primeiro actor comico, o apperitivo que mais lhe agradava ao paladar. Ia-se para o Gymnasio só para rir. Tudo o que a provincia despejava em Lisboa inevitavelmente passava uma noite pela sala do Gymnasio,—como nos bons tempos anecdoticos do Palha, a Trindade tinha fóros e privilegios. Vir a Lisboa e não ir á Trindade o mesmo era que ir a Roma e não vêr o Papa. Gymnasio, a mesma formula. De modo que aquillo era, todas as noites, Gervasio cosido, Gervasio assado, Gervasio frito. E ria-se, das oito e meia á meia noite, ria-se desabaladamente, com vontade, abrindo muito a bocca, torcendo as ilhargas, fazendo ranger as cadeiras. Interrompia-se ás vezes o espectaculo para deixarpassar aquelle vagalhão de alegria; mas logo vinha outro,—e era um nunca acabar.

Depois, a bella da ceiata. Havia no Gymnasio uma actriz chamada Judith, a Judith loira, como houvera no Principe Real a desditosa e linda Margarida loira, que foi morrer no Brazil. A Judith tinha um perfil romano, fazia as *cocottes* e era de uma singela e complacente camaradagem. Ella e a Juliana eram as mais novas e, por isso, as mais appetecidas da *troupe*; e assim, não é de admirar que fossem as mais buliçosas companheiras que se procurava para a frivolidade de um *flirt*. Juliana era um pouco cheia, baixa, a cabeça enterrada nos hombros, redondinha e carnuda, muito rosada. O nariz arrebitado dava-lhe um ar gaiato; mas os olhos languidos, de um bonito córte avelludado e dôce, dir-se-hia que eram o anteparo d'aquelle atrevimento canalha que lhe espirrava das narinas e vinha espraiar-se, diluir-se aos cantos da bocca voluptuosa.

Mas este dia da semana passada, quando do alto da Graça eu desci pela antiga Charca ao bairro Andrade, na serenidade terna de uma tarde luminosa, e me fui bater á porta de Juliana, com a memoria ainda cheia d'esse tempo que já vae tão distante, tive um sobresalto e uma angustia:—era ella, em pessoa, que eu tinha diante de mim, na frouxa claridade do corredor, toda vestida de negro, a cabeça inclinada, as pestanas finas e aloiradas pendendo como cortinas funerarias a apagar o clarão dos olhos. Mas era, ao mesmo tempo, uma outra Juliana, sem impertinencia, dôce e calma, resignada, de falas mansas e limpidas, sem tonalidades, sem vibrações, sem arestas—a palavra lisa e uniforme como um crystal.

Entrei. Ella sentou-se junto da meza de jantar, as mãos no collo, abandonada, esperando. Via-lhe o alto da nuca com reflexos da meia tinta em que o fim da tarde se desfazia; uma grande, tenebrosa sombra de melancolia envolvia-a toda. Desemperrei a lingua, falei,—falámos. Foi em 1900, ha 6 annos, que Juliana abalou da scena. Estreiára-se em Lisboa, no Principe Real, n'uma recita de amadores, a 13 de outubro de 1887, fazendo a Luiza de Magalhães dos *Lazaristas*. Tinha, então, 14 annos. Dizem os jornaes d'essa epoca que era uma radiosa promessa. O *Seculo* elogiava-a n'este *entrefilet*: «Juliana Santos, uma sympathica rapariga de 14 annos, interpretou com uma facilidade incrivel o difficil papel de Luiza de Magalhães em que se revelou uma actriz de elevado merecimento.»

Antes, porém, já Juliana theatrára no Porto, na provincia, nas ilhas. Um bardo de S. Miguel fêl-a recitar, na noite da sua festa, uma poesia piegas *O beijo de uma chrysalida*, que termina por estes versos pelintras:

*Parece-me, a meu vêr,*
*Escusado dizer*
*Que o theatro—é o jardim;*
*Que a chrysalida... sim...*

*A chrysalida... sou eu:*
*E emquanto ao sonho meu*
*D'haurir finas essencias,*
*(Eu peço mil clemencias)*
*As flôres... são vocencias.*

O *Açoriano*, d'esse dia memoravel, diz *que a beneficiada recitou com muito mimo esta linda poesia.*

Emquanto folheio, com mão distrahida, o livro da sua vida artistica feito de recortes de jornaes, Juliana continúa na mesma immobilidade,—os olhos vagos, a seguir ainda o pó de um sonho que a sua phantasia levantou e vestiu, cheio de vida e de sol.

—Volta então ao Gymnasio?

Nem um sobresalto. A actriz regressa certamente de muito longe; mas esse regresso faz-se sem precipitação, sem anceio, sem surpreza; e é com a mesma voz tranquilla e baixa que me responde:

—Sim... volto...

Ha na sua attitude como que uma renuncia voluntaria e appetecida, um desapêgo ás coisas exteriores da vida. Não preciso de detalhar com ella esse capitulo do seu romance nem vale a pena abrir a sepultura do seu sonho, que deve estar ainda muito quente e muito viva. A chrysalida que o vate de S. Miguel apresentára ao publico

*Igual ao passarinho*
*que foge do seu ninho...*

desenvolveu-se, cresceu, amou. A borboleta doirada e irrequieta do amor andou por muito tempo a esvoaçar, tremula e luminosa, á roda da sua cabeça; e um bello dia, depois de tanto buliçar e doidivar, poisou serenamente, scientemente, no seu coração:—encontrára, emfim, occasião propicia para se installar á vontade.

Juliana entregou toda a sua alma; e se em paixão ha um só romance com um só capitulo e uma só palavra, ella deu a esse grande e omnipotente *fait-divers* da vida uma interpretação ultra-romantica:—foi certamente esse o papel que ella representou melhor, com mais sinceridade, com mais sentimento, com mais verdade. Ella, que incarnára sempre as ingenuas de comedia, sentiu, pela primeira vez na sua vida, que esse theatro não é senão o reflexo caricatural, a largos e vincados traços, dos aspectos da alma. Foi, portanto, sem o saber e sem o presentir, a ingenua verdadeira, amando, chorando, rindo, com todas as torturas e todos os desfallecimentos e todas as rutilas alegrias do amor,—esse tigre que esconde as garras em arminho.

Só ella poderia contar como isso foi:—esse grande sonho afogou-se de repente, um dia, e nunca mais reviveu senão na sua memoria dolorida, que é hoje um tumulo. Allucinada, perdida, como se aquelle cataclysmo a devesse sepultar a ella tambem, refugiou-se no recolhimento do Bom Pastor, na rua tranquilla, quasi aldeã da Bella Vista, á Graça. Ia pedir a Deus consolo para a sua alma atormentada.

—E ainda tem saudades do convento?

—Se tenho!... Estava lá tão bem. Todos me tratavam com carinho... Passava os meus dias na oração e a bordar em branco. Outras tinham diversos misteres: lavavam, cozinhavam, cosiam roupa. Algumas cavavam a horta...

Abre-se-lhe agora um sorriso na bocca que eu conheci risonha e voluptuosa, ha tantos annos. Uma aza mystica parece roçar-lhe pelos labios, que se desfranzem. Foram buscal-a: sua mãe, a familia... Fez-lhes a vontade; e agora volta para o Gymnasio, debuta talvez na *Soror Francisca*.

—Quer vêr o meu Christo?

Levanta-se, é um minuto de demora; e estende-me um Christo crucificado, de dez centimetros, pendente de um cordão.

—Era o que eu trazia sempre á cinta... Olhe, tambem tenho aqui Nossa Senhora, n'este broche...

Juliana tem o seu oratorio—que é o seu refugio nas horas de mais desfallecimento; e vae á missa todos os domingos e dias santificados. Entrou para o Bom Pastor a 2 de fevereiro de 1905. O seu diploma de admissão, encaixilhado, tem estes dizeres:

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE MARIA

*A sr.ª Maria Juliana da Madre de Deus foi admittida a 2 de fevereiro de 1905 na Congregação das Filhas de Maria, erecta em Lisboa, na egreja de Santa Brigida.*

---

*Fica por isso participando de todas as graças, privilegios e indulgencias que a Santa Egreja concedeu á Congregação Prima—Primaria de Roma, á qual ella foi canonicamente aggregada e devem-lhe ser applicados, quando passar d'esta vida, os suffragios que se costumam fazer pelas Filhas de Maria fallecidas.*

*Lisboa, 2 de fevereiro de 1905.*

O DIRECTOR
*Padre João Dias Silvares*

A PRESIDENTE
*Maria d'Albuquerque Barbosa Saraiva*

A SECRETARIA
*Anna d'Albuquerque B. Sousa Lara*

Ao alto, em oval, a imagem de Nossa Senhora da Conceição; á esquerda, S. José; á direita, a Virgem Maria.

A 5 de junho d'este anno, Juliana despia o habito e regressava d'essa viagem calma e dôce atravez os corredores solitarios e tristes do convento ao estrepito atordoante da vida, a reatar com o mundo os laços que a tragedia desprendera brutalmente.

—Verá que ainda ha de ter alegrias, o gosto de viver...

Ella deixa ficar a sua mão abandonada na minha, com um dôce sorriso que é uma resignação, emquanto a mãe, que até ali se conservára immovel e calada, commenta:

—Pois ha de, sim... E' uma tola!

José Sarmento.

# Alfredo Serrano

Alfredo Serrano, depois da sua sahida do seminario de Santarem

Photographia de Alfredo Serrano, tirada em 1904 por um seu amigo, photographo-amador, á luz artificial

Ultimo retrato de Alfredo Serrano, 1904.

**O segundo anniversario da sua morte © As duas phases da vida litteraria © O poeta e o critico de arte © O bohemio e o *gentleman* © «Questões de arte», obra posthuma a entrar no prelo © Um drama do saudoso escriptor cujo paradeiro se desconhece**

Completaram-se dois annos depois que Alfredo Serrano, o amabilissimo rapaz e brilhante escriptor que Lisboa toda conheceu, se finou, a 16 de agosto, em Bologna, na torturante solidão de um hospital, sem um derradeiro osculo piedoso nem um olhar amigo... Alfredo Serrano partira de Lisboa pouco antes, em direcção a Hespanha, onde adquiriu, parece, o germen da terrivel doença que o victimou, um typho, e, depois de uma curta visita a Lyon, dirigiu-se para a importante cidade italiana, patria de tantos artistas celebres, d'onde não deveria sair senão entre as quatro taboas d'uma urna funeraria, primeiro para o convento da Cartuxa e depois para o cemiterio dos Prazeres, em Lisboa...

Não obstante a fria materialidade da epoca e o egoismo perfido do *meio*, em que pouco cuidamos uns dos outros, a morte do prosador das *Horas de Sol* e do erudito conferencista de arte, que tanto nos promettia, causou uma emoção intensa que se não apagará breve dos nossos corações. É que, sobre ser uma intelligencia profunda, um espirito lucidissimo, de raras aptidões, elle era uma alma generosa e boa, podendo apontar-se como um modelo de amigos e collegas. Nascera humilde, tivera uma infancia humilde, fôra um humilde até á partida para a Austria, como preceptor dos filhos de D. Miguel; mas esta brusca mudança na sua vida nem ao de leve lhe embaciou o ouro puro da sua alma, nem a limpidez invulgar do seu caracter. O *exterior*, sim, esse transformou-se-lhe; o *interior*, porém, permaneceu o mesmo. Alfredo Serrano, que partira bohemio, de cabellos desgrenhados ao vento, despreoccupado e simples no trajar, appareceu-nos depois o *gentleman*, tornado, pela convivencia diaria com principes e gran-duques n'um perfeito, grave e correcto fidalgo. Mas era tratal-o, falar com elle, pedir-lhe um qualquer serviço ou favor, e logo reapparecia, consoladoramente, o Serrano da *Cabra* e das satyras mordentes do *Veiguismo*, o Serrano da *Manhã Dourada* e do lyceu, do Instituto 19 de Setembro e dos tempos do famoso *D. Quixote*, em que Mayer Garção, Fernando Reis e Leal da Camara emprehenderam um arrojado trabalho demolidor, que a breve trecho tinha de suspender-se. Era o mesmo Alfredo Serrano, que regressava dos climas frios do norte, com o antigo fulgor nos

Alfredo Serrano na Austria, preceptor dos filhos do Senhor Dom Miguel de Bragança

olhos vivacissimos e as mesmas ardencias e affectos no coração delicado.

Aos que ensaiam os primeiros passos ou soffrem os primeiros revezes n'esta estrada difficil das lettras, Alfredo Serrano deve ser apresentado, com inteira justiça, como o melhor exemplo de quanto podem e valem o amor ao estudo e a força de vontade. Tudo quanto foi — e tudo quanto viria a ser, se a morte o não prostrasse tão cedo, — o deveu a si proprio, exclusivamente. Não preteriu, não atropellou ninguem. Era este, talvez, o seu unico orgulho, e não se dirá, de certo, que não fôsse legitimo.

Elle foi um trabalhador infatigavel e um crente: sabia de quanto era capaz e tinha a ambição santa de ser util á sua terra. Ninguem, como elle, aproveitou melhor o tempo, estudando, lendo, observando sempre. Por isso elle nos surprehendeu, no seu ultimo regresso da Austria, com os profundos conhecimentos sobre arte, que tão notavelmente revelou em artigos nos jornaes e em conferencias na capital e no Porto. Não o arrebatára a morte tão depressa, e elle seria, de certo, a nossa primeira auctoridade sobre o assumpto.

Escreveu-se, depois da sua morte, que, sendo valiosa, não era vasta a bagagem litteraria de Alfredo Serrano. Parece-nos um grave erro. Se, na primeira phase da sua vida, cursando aulas e dando lições, elle produziu a *Manhã Dourada* e as *Horas de Sol*, dois bellos livros, um ingenuo e sentido, o outro um feixe de paginas ricas de observação, de colorido e de pittoresco, escriptas n'um portuguez de lei, escrevendo ainda centenas de artigos em jornaes e revistas, que exhaustivo esforço e extraordinario estudo não representam essas conferencias sobre *Pintura hollandeza*, o *Mal da Renascença* e a *Obra de Rembrandt*, e esses estudos d'arte espalhados pelos principaes diarios de Lisboa? É preciso tel-os lido, attentamente, para se formar uma idéa precisa da erudição de Alfredo Serrano em assumptos de arte. Mais: é preciso, para a avaliarmos bem, compulsar os seus papeis, os seus cadernos, as suas notas e apontamentos, os seus livros e catalogos... Não era o seu estudo superficial, mas profundo, nem a sua erudição facil, mas real e consciente... Elle sabia o que affirmava!...

Percorrendo os seus estudos ineditos, — que vão sahir em volume, sob o titulo *Questões d'arte*, com as preciosas cartas de viagem e os artigos publicados na *Palavra* e em outras folhas, — e os seus interessantissimos cadernos de apontamentos, vê-se como Serrano trabalhava e como, em futuro proximo, nos daria uma obra de tomo, que o impuzesse, definitivamente, ao respeito dos criticos. Elle tencionava completar a sua instrucção e educação artisticas na França e na Belgica, e fixar-se depois em Lisboa e Porto. Publicaria, então, corrigidas e completadas, as suas conferencias sobre «Rembrandt» e o «Mal da Renascença», que tanto escarcéu levantaram, esta sobretudo, e outras obras sobre arte, com pontos de vista inteiramente novos. Na edade de Alfredo Serrano, — trinta annos apenas — e na situação especial em que se encontrava, como produzir mais e melhor?

Esquecia-nos dizer que o desditoso rapaz ainda encontrava tempo para outros trabalhos litterarios. Desde muito novo que Alfredo Serrano ensaiava escrever para o theatro, e lembra-nos de lhe ter ouvido ler, ha bons dez annos, n'um terceiro andar da rua do Bemformoso, onde então morava, algumas scenas de um drama historico, em verso. Mais tarde, resolveu escrever uma peça em prosa, e quando nos visitou, ha dois annos, trazia completa uma comedia-drama, em quatro actos, cujo titulo era, se não estamos em erro, *O sr. Doutor*. Que destino levaria essa peça, que foi lida e elogiada por um distincto critico theatral de Lisboa, e que a empreza do Normal parecia disposta a representar, depois de uma ligeira modificação em certa scena? Leval-a-hia Alfredo Serrano comsigo, ou ficaria em Lisboa? Nos papeis vindos de Italia não se encontra, e nenhum dos amigos intimos do saudoso escriptor, na capital, sabe do seu paradeiro. Mas não nos podemos conformar com a idéa de que esteja perdido esse original portuguez, tão apreciado pelo referido critico n'uma carta que Serrano nos leu, cheio de esperança, em frente da casa Bertrand, n'uma tarde de verão rutilante de sol...

ZUZARTE DE MENDONÇA.

Caricatura de Alfredo Serrano por Leal da Camara [no *D. Quixote*] 1896

Conselheiro João Franco *Presidente do conselho.*

Conselheiro Ernesto Driesel Schroeter *Ministro da fazenda*

Conselheiro Vasconcellos Porto *Ministro da guerra*

Conselheiro Luiz de Magalhães *Ministro dos estrangeiros*

Conselheiro Malheiro Reymão *Ministro das obras publicas*

Conselheiro José Novaes *Ministro da justiça*

Conselheiro Pereira dos Santos *Regenerador*

Conde de Paçô-Vieira *Regenerador*

José d'Abreu Macedo do Ortigão *Regenerador liberal*

Luiz da Gama *Progressista*

Conselheiro Antonio Pinto de Miranda Montenegro *Progressista*

Conselheiro Manuel Antonio Moreira Junior *Progressista*

Conselheiro Antonio Cabral *Progressista*

Conde de Penha Garcia *Progressista*

Conde de Agueda *Progressista*

Dr. Antonio Tavares Festas — *Progressista*

José Maria d'Oliveira Mattos — *Progressista*

Dr. Paulo Cancella — *Progressista*

Francisco de Lacerda Ravasco — *Progressista*

Antonio Rodrigues Nogueira — *Progressista*

Dr. Matheus Teixeira de Azevedo — *Regenerador*

Dr. Matheus Augusto Teixeira de Sampaio — *Regenerador*

D. Thomaz de Vilhena — *Regenerador*

Dr. Mario Augusto de Miranda Monteiro — *Regenerador*

Antonio Rodrigues Ribeiro — *Regenerador*

José de Oliveira Soares — *Regenerador-liberal*

Henrique Mitchell de Paiva Couceiro — *Regenerador-liberal*

Dr. Thomaz de Mello Breyner — *Regenerador-liberal*

D. Miguel Pereira Coutinho — *Progressista*

Dr. Mario Pinheiro Chagas — *Regenerador-liberal*

Conselheiro José Motta Prego — *Regenerador*

Visconde da Torre — *Regenerador*

Mello Barreto — *Regenerador*

Dr. Pereira de Lima — *Regenerador*

Conselheiro Abel d'Andrade — *Regenerador*

Dr. José Sebastião de Menezes
*Regenerador-liberal*

Dr. José Julio Vieira Ramos
*Progressista*

Alfredo da Silva
*Regenerador-liberal*

Antonio Maria de Avellar
*Regenerador-liberal*

Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo
*Progressista*

João Baptista Pinto Saraiva
*Regenerador-liberal*

Eduardo Schwalbach Lucci
*Regenerador*

Alvaro Pinheiro Chagas
*Regenerador-liberal*

Conselheiro Agostinho de Campos
*Regenerador-liberal*

José Augusto Moreira d'Almeida
*Dissidente*

Antonio José Garcia Guerreiro
*Progressista*

Dr. Gaspar d'Abreu
*Progressista*

Conselheiro Alfredo Pereira
*Progressista*

Dr. Antonio da Costa Silveira
*Progressista*

Antonio Luiz Teixeira Machado
*Regenerador-liberal*

Dr. João Lucio
*Regenerador-liberal*

Dr. Augusto de Castro
*Progressista*

Conde de Arrochella
*Progressista*

Dr. Annibal Soares
*Regenerador-liberal*

João da Silva Carvalho Osorio
*Regenerador-liberal*

Alfredo Mendes de Magalhães Ramalho
*Regenerador*

Joaquim da Cunha Telles de Vasconcellos
*Regenerador-liberal*

Conego Antonio Homem de Gouveia
*Nacionalista*

João Augusto Pereira
*Progressista*

Cons.^ro José Joaquim Sousa Cavalheiro
*Regenerador*

Adriano Accacio de Madureira Bessa
*Regenerador-liberal*

Joaquim Heliodoro da Veiga
*Progressista*

Osorio de Mattos
*Regenerador-liberal*

Dr. Carlos Lopes
*Regenerador-liberal*

Dr. Alfredo Ferreir de Mattos
*Regenerador-liberal*

Dr. Pedro Oliveira Martins
*Progressista*

Conselheiro Cabral Metello
*Progressista*

Dr. Manuel Duarte
*Regenerador-liberal*

Dr. Oliveira Feijão
*Independente*

Dr. João Pinto dos Santos
*Dissidente*

Dr. Julio Cesar Cau da Costa
*Regenerador liberal*

Lourenço Cayolla
*Progressista*

Dr. João Pereira de Magalhães
*Progressista*

Dr. Eduardo Augusto Cabral
*Regenerador-liberal*

Antonio Augusto Pereira Cardoso
*Progressista*

Conselheiro Mathias Nunes
*Progressista*

Dr. Libanio Antonio Fialho Gomes
*Progressista*

Antonio Maria Chaves Mazziotti
*Progressista*

Dr. Henrique Carlos de Carvalho Kendall
*Progressista*

Luiz O'Neill
*Independente*

Padre Luiz José Dias
*Independente*

Conselheiro Carlos Ferreira
*Progressista*

Augusto Patricio dos Prazeres
*Regenerador-liberal*

Dr. Antonio José Teixeira d'Abreu
*Regenerador-liberal*

Dr. Paulo de Barros
*Progressista*

Conselheiro Cabral Moncada
*Regenerador*

Dr. Alberto Navarro
*Regenerador*

Dr. Ferreira de Lemos
*Regenerador*

Conselheiro Sousa Avides
*Regenerador*

Aurelio Pinto Tavares Osorio Castello Branco
*Progressista*

João Isidoro dos Reis
*Progressista*

Dr. Martins de Carvalho
*Regenerador-liberal*

Dr. Pedro Mousinho de M. Galvão
*Regenerador-liberal*

Padre Arthur Brandão
*Regenerador-liberal*

Dr. Luiz Vaz de Carvalho Crespo
*Progressista*

Dr. Affonso Costa — *Republicano*

Antonio Maria Oliveira Bello — *Regenerador liberal*

Dr. João de Menezes — *Republicano*

Dr. Alexandre Braga — *Republicano*

Dr. Antonio José d'Almeida — *Republicano*

Jayme de Sousa — *Regenerador*

João Baptista Ferreira — *Regenerador-liberal*

Antonio José Gomes Netto — *Regenerador-liberal*

Carlos Adolpho Marques Leitão — *Regenerador-liberal*

Dr. Antonio Centeno — *Dissidente*

José de Figueiredo Zuzarte de Mascarenhas — *Regenerador-liberal*

Conselheiro Lino da Silva — *Regenerador-liberal*

Dr. Carlos Pinto Garcia — *Regenerador-liberal*

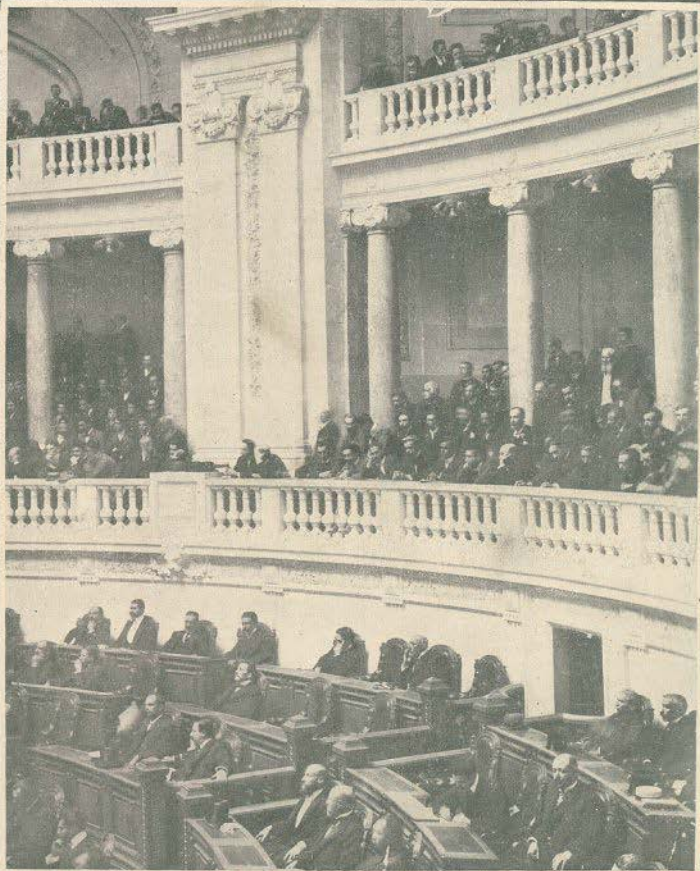
Dr. Vicente Rodrigues Monteiro — *Regenerador-liberal*

Conselheiro Adriano Emilio de Sousa Cavalheiro — *Regenerador-liberal*

*(Continúa)*

N. B. — Por um equivoco facil de explicar, sabendo-se que na semana anterior á abertura das côrtes o Tribunal de Verificação de Poderes não pudera validar ainda as eleições de todos os circulos do continente, faltando assim uma lista official de deputados, a *Illustração Portugueza* publica n'esta primeira serie de retratos o do ex.mo sr. dr. Ferreira de Lemos, cuja candidatura pelo Porto, dada a principio como votada pela minoria, não se manteve no apuramento final.

[*Clichés Vidal & Fonseca, Bobone, Camacho e Fernandes*]

UM ASPECTO DA CAMARA DOS DEPUTADOS DURANTE UM DISCURSO DO S.NR JOÃO FRANCO

VELO CLUB DE LISBOA

9.º passeio de 1906, aos Capuchinhos—Cintra

# NESTLÉ

**FARINHA LACTEA**

**32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa**

**Preço 400 réis**

Saneamento, Rapido, Facil, Efficaz, Barato e Agradavel pelo

## Walkers CARBOLACENE

PREPARAÇÃO LIQUIDA

**A' venda nas principaes drogarias e pharmacias—Deposito geral**

30, RUA DA BOA VISTA, 32—LISBOA

O melhor café é o d'A Brazileira

CASA ESPECIAL DE CAFÉ DO BRAZIL

## A. Telles & C.ª

**Rua Garrett, 120 (Chiado), LISBOA—Rua Sá da Bandeira, 71, PORTO**

TELEPHONE N.º 1:438

Café especial de Minas Geraes (Brazil)

# A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

**Capital 200:000$000 réis**

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Prazo Fixo, Combinados e Supervivencia, com participação ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitaes differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias.

Agencias nas cidades e principaes villas do paiz. Para informações e tarifas dirigir-se á séde:

Praça do Duque da Terceira, 11, 1.º, Lisboa

TELEPHONE 1:674

Endereço telegraphico «Lanoican»

Rua Henrique Martins, n.º 36—MANAOS

## O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

**Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: e incomparavel em vacticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phrenologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose e d'Arpentigney.**

**Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.**

**Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 1$000, 2$500 e 5$000 réis.**

**O melhor relogio em ouro, prata e aço, o unico que em dois annos conseguiu impôr-se a todas as outras marcas.**

**A' venda em todas as relojoarias e ourivesarias do paiz**